



ARGUMENTAÇÃO

Na Unidade 4, destacamos, dentre outros pontos importantes, a relação que se estabelece entre os tipos de textos que conhecemos como descrição, narração e dissertação.

Procuramos demonstrar que não há um tipo de texto neutro, que apenas represente a realidade, sendo-lhe absolutamente fiel: nenhum texto é uma cópia da realidade. Ainda que uma narração ou uma descrição possam apresentar-se como textos objetivos, que pura e simplesmente narram ou descrevem alguma coisa com o fim de representá-la ao leitor, é fundamental considerar que, invariavelmente, há um sujeito operando a ação de narrar ou de descrever. E todo sujeito coloca-se diante de sua produção textual a partir de sua ideologia, construída na inter-relação com outros sujeitos, todos situados em um tempo e em um espaço que se caracterizam de forma específica.

Descrição, narração e dissertação, portanto, são textos que organizam planos de expressão diferenciados, os dois primeiros criando efeitos de sentido de representação, o último, de interpretação. Mas todos são, em essência, subjetivos, no sentido de que, sempre, há a presença de um sujeito narrando, descrevendo ou dissertando. Nesse contexto de reflexões, lembremo-nos de nossas considerações anteriores, que procuraram demonstrar a presença, implícita, de uma narração no texto dissertativo, e de uma interpretação, também implícita, nos textos descritivos e narrativos.

A interpretação, portanto, está presente em todos os textos, implícita ou explicitamente, o que nos permite afirmar que todo texto é argumentativo, ainda que nem todo texto desenvolva, explicitamente, uma argumentação.

Nesta unidade, em que estamos revendo, justamente, a argumentação explicitada nos textos dissertativos produzidos, vamos nos deter no estudo de estratégias argumentativas:

“Para tornar o texto convincente, pouco adiantam manifestações de sinceridade do autor ou declarações de certeza expressas por construções como tenho certeza, estou seguro, creio sinceramente, afirmo com toda convicção, é claro, é óbvio, é evidente. Num texto não se prometem sinceridade e convicção. Constrói-se o texto de forma que ele pareça sincero e verdadeiro. A argumentação é exatamente a exploração de recursos com vistas a fazer o texto parecer verdadeiro, para levar o leitor a crer.” (Savioli e Fiorin, p.293)

Os argumentos podem adquirir os mais variados matizes. Vamos apresentar alguns, bem detalhados na obra *Lições de Texto*, que estamos utilizando como referência para todo o nosso trabalho.

Mas, mais importante que conhecer estratégias argumentativas, é convencer-se de que o que fundamenta um texto é a pesquisa, o estudo, a reflexão em torno do tema a ser desenvolvido. As estratégias argumentativas utilizadas são muito importantes para sustentar e enriquecer o raciocínio, mas não são elas que o constroem. Além disso, mesmo os argumentos só são possíveis se houver pesquisa.

ARGUMENTO DE AUTORIDADE

O argumento de autoridade se constrói com a citação de “autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista” (Savioli e Fiorin, p. 285).

Ao citar um autor reconhecido como autoridade no domínio do tema que está sendo desenvolvido, ao mesmo tempo se lança mão de um recurso argumentativo amplamente utilizado e bem aceito, e se demonstra, para o leitor, que o autor é conhecedor do assunto que está desenvolvendo, uma vez que revela, pela citação, que, antes da redação, dedicou-se à pesquisa.

A citação, portanto, traz credibilidade para o texto, pois constrói nele um diálogo com autoridades sobre o assunto; e, ao construir esse diálogo, estabelece credibilidade sobre o autor, que passa a ser reconhecido como um pesquisador, que também desenvolveu domínio sobre o tema abordado.

ARGUMENTO BASEADO NO CONSENSO

Há algumas proposições que se estabelecem como verdadeiras em certo tempo, sendo, portanto, “evidentes por si ou universalmente aceitas, para efeitos de argumentação” (Savioli e Fiorin, p. 286).

Se utilizarmos em nossos textos afirmações como a educação é um processo que se desenvolve em todas as esferas de atividade do cidadão, não se restringindo ao ambiente escolar, estaremos lançando mão de um argumento baseado no consenso, não sendo necessário comprová-lo, uma vez que não há controvérsias a respeito da questão.

Mas é preciso muita atenção ao utilizar esse recurso argumentativo.

É fundamental, por um lado, que observemos se as afirmações que estamos fazendo em nosso texto são, de fato, consensuais, ou se são, na verdade, a nossa opinião a respeito da questão. Para tanto, é necessária leitura, pesquisa, atualização a respeito do tema abordado, pois somente assim saberemos que opiniões se tornaram consenso em nosso tempo.

Outra observação também fundamental é sabermos distinguir, em nossa pesquisa, o consenso do lugar-comum. O consenso são as opiniões que, por já terem sido suficientemente comprovadas, não precisam mais sê-lo. O lugar-comum, ao contrário, são opiniões que carecem de base científica, de demonstração, de argumentação que o sustente. São, normalmente, preconceitos transmitidos como se fossem verdades. Por exemplo: o Brasil é a terra do jeitinho, ou só rico estuda em universidade pública. Essas afirmações não são consenso, pois não há estudos que as comprovem. São lugares-comuns, sendo prontamente desmentidas ao se demonstrar que o brasileiro não busca jeitinho para tudo e que não apenas ricos estão estudando em universidades públicas.

ARGUMENTOS BASEADOS EM PROVAS CONCRETAS

Uma boa argumentação não se restringe a citações de autores reconhecidos ou opiniões consensuais: muitas vezes, os fatos, por eles mesmos, são argumentos. Esses fatos podem vir expressos em nossos textos de variadas formas: estatísticas, dados, relatos, etc.

Por exemplo, é possível afirmar que o Pantanal Mato-Grossense será destruído em menos de 50 anos, caso nenhuma providência seja tomada, e basear tal afirmação em dados estatísticos sobre o ritmo

de desmatamento crescente na região. É possível também afirmar que a população de peixes no Pantanal está diminuindo e apresentar relatos de pescadores que afirmam a dificuldade de manterem sua atividade.

Mas é preciso atenção com as provas concretas, cuidando de verificar se elas expressam dados suficientes e adequados. Por exemplo, não seria possível afirmar a diminuição de peixes no Pantanal baseando-me tão somente no relato de um pescador que esteve por duas vezes no Pantanal, sendo que, na segunda, pescou menos que na primeira. Esse fato seria insuficiente para poder sustentar minha tese. Seria preciso basear-me em relato de um pescador nativo, que sempre manteve seu sustento através da pesca. Este poderia fornecer dados suficientes para sustentar a afirmação.

Normalmente, dados insuficientes ou inadequados apenas comprovam preconceitos e lugares-comuns. Por exemplo, se afirmo que há muito roubo na política brasileira, estou diante de um consenso, dado o número de informações sobre roubo na política brasileira que já foi disponibilizado pela imprensa. Mas daí afirmar que todo político é ladrão é uma generalização que não se sustenta, bastando a apresentação de apenas um político honesto para derrubar minha argumentação e fragilizar meu texto. Isso significa que os dados disponibilizados sobre roubo na política brasileira não são suficientes para sustentar a afirmação de que todo político é ladrão.

Se for meu projeto de dissertação comprovar tal afirmação, certamente será necessária uma extensa pesquisa, realizada com base em um recorte bem definido, sobre o qual se torne possível a realização de um estudo exaustivo. É preciso que se tenha clareza sobre os próprios limites, considerando que o texto a ser redigido deverá revelar tão somente o que for possível comprovar, com base em dados que tiverem sido pesquisados. Afirmações que não se comprovam são afirmações aleatórias, destituídas de qualquer credibilidade.

ARGUMENTOS COM BASE NO RACIOCÍNIO LÓGICO

Estratégias argumentativas, quando utilizadas de forma adequada, podem revelar um raciocínio bem construído sobre o tema que está sendo desenvolvido. Por outro lado, quando o autor se põe a redigir sem o embasamento de uma boa pesquisa, pode, facilmente, ser vítima de argumentos que revelam a fragilidade de seu raciocínio. E “nada é pior para convencer do que um texto sem coerência lógica, que diz e desdiz-se, que apresenta afirmações que não se implicam umas às outras, que está eivado de contradições.” (Savioli e Fiorin, p. 291)

Afirmar, por exemplo, que o Pantanal está sendo desmatado porque suas árvores estão sendo derrubadas não é uma argumentação, mas tão somente uma tautologia, ou seja, dizer a mesma coisa de forma diferente. Um (falso) argumento assim construído pode gerar no leitor a impressão de que aquele que redigiu o texto não tem o que dizer. E nenhum texto se sustenta sem que, de alguma forma, possa participar do amplo debate que se estabelece em torno do tema que desenvolve.

Um raciocínio pobre, que carece de pesquisa, estudo e reflexões pode, facilmente deter-se em simplificações. Uma afirmação como o mundo está esquentando porque a Floresta Amazônica está sendo destruída revela uma abordagem simplista frente ao complexo de questões que envolve o problema do aquecimento global. Um leitor sério certamente não se deterá sobre um texto assim construído que, por

simplificar o tema que desenvolve, também não terá condições de participar do debate em torno do problema.

É, pois, o raciocínio que determina os argumentos, e não o contrário. Não é a utilização de recursos argumentativos que imprimirá qualidade em um texto, mas o conhecimento que se construiu sobre o assunto. Esse conhecimento, bem sedimentado, gera a base sobre a qual qualquer tipo de argumentação poderá ser desenvolvido.

ARGUMENTO DA COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA

Finalmente, é preciso lembrar que os textos são um complexo que revela a organização de um plano de conteúdo e de um plano de expressão, e que este, portanto, também deve ser considerado para a construção de uma boa argumentação.

Então, não é suficiente cuidar do que se tem a dizer, mas também do como se diz. Não sendo o plano de expressão neutro em relação ao plano de conteúdo, a utilização de recursos de linguagem inadequados pode levar ao enfraquecimento de uma tese bem construída e amparada por bons argumentos.

No caso de um texto dissertativo, em que se vai buscar apresentar e defender uma posição diante de um problema, o mais adequado é utilizar a variante padrão da língua, também conhecida como variante culta.

Mas não basta apenas o conhecimento de algumas (ou mesmo de muitas) regras sobre como utilizar a variante padrão. Nenhum plano de expressão se sustenta sozinho, sem um plano de conteúdo bem organizado que com ele estabeleça uma estreita relação.

Também não basta associar ao conhecimento de regras gramaticais informações sobre como compor um texto dissertativo. Todo conhecimento sobre a forma de composição textual certamente é útil e muito importante para o aprimoramento de nossos textos, quando os lemos e relemos, com critério e rigor.

Mas nenhum aprimoramento sobre a forma será possível e relevante sem que o autor tenha o que dizer; sem que acredite no que tem a dizer; sem que considere sua opinião possível de participar do debate em torno do problema abordado. Um artista não se entusiasmará diante de um bloco de pedra se nele não enxergar a bela imagem que poderá ser esculpida, e se não acreditar que essa imagem será digna de ser contemplada, em primeiro lugar, por ele mesmo. Da mesma forma, apenas nos motivamos a explorar os recursos da linguagem, quando nos convencemos de que o resultado será um texto que, por suas considerações, merecerá ser lido. Para isso, não é preciso uma tese extraordinária, mas tão somente uma reflexão feita com cuidado e profundidade.

REFERÊNCIA

SAVIOLI, Francisco Platão e FIORIN, José Luiz. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2006.